

Reforma Protestante: memórias e imaginários

*Protestant Reformation:
memories and imagery*

Brunno Ferreira Gomes¹
Brayan de Souza Lages²

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo analisar a Reforma Protestante, que completa 500 anos em 2017, com o fim de destacar a memória e imaginários deste movimento. Para alcançar tal objetivo, procurou-se apresentar num primeiro momento as motivações de Lutero para empreender uma série de críticas à Igreja Romana, cujo ápice ocorreu em 1517 com a afixação na porta de uma capela em Wittenberg de 95 proposições, ou teses, condenando a prática de indulgências e defendendo a doutrina da salvação pela fé, processo que levaria a uma cisão espiritual na cristandade. Como base para pesquisa, optou-se principalmente por dois autores, Gaston Bachelard e Gilberto Durand (1998), a partir dos quais foi

Artigo recebido em: 28 out. 2017

Aprovado em: 13 dez. 2017

¹ Mestrando em Ciências das Religiões, pela Faculdade Unida de Vitória. Bacharel e licenciado em Filosofia, pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Pós-Graduado em Filosofia Moderna e Contemporânea, pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Bacharel em Terapia Ocupacional, pela UNIFAMINAS. E-mail: bferreirag@yahoo.com.br

² Mestrando em Ciências das Religiões, pela Faculdade Unida de Vitória. Pós-Graduação em Teologia do Antigo Testamento pela Faculdade Unida de Vitória. Graduado em Teologia pela Faculdade Evangélica de Teologia, Ciências e Biotecnologia das Assembleias de Deus (FAECD). Graduado em Administração de Empresas pela Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO). E-mail: brayanlages@gmail.com.

possível analisar a presença das memórias e imaginários na Reforma Protestante. O olhar e a memória são realçados na perspectiva do imaginário. As conclusões da pesquisa mostram a presença da memória e do imaginário e suas influências na Reforma Protestante. A metodologia utilizada foi uma pesquisa bibliográfica, analisada a partir de livros e artigos já publicados para a confirmação das informações.

Palavras-chave: Reforma Protestante. Memória e imaginário. Lutero.

Abstract: The present research aims to analyze the Protestant Reformation, in order to highlight the memory and imaginary of this Reformation. In order to reach this goal, Luther's motivations for the separation of the Roman Church were first presented, giving Luther the opportunity to expose his criticisms of the Church when, in 1517, he posted at the door of a chapel in Wittenberg, 95 propositions or theses condemning the practice of indulgences and defending the doctrine of salvation by faith. Luther remained true to his essential points of view. The Protestant Reformation is 500 years old. As a basis for research, authors Gaston Bachelard and Gilberto Durand (1998) were chosen. It was possible to analyze the presence of memories and imaginaries in the Protestant Reformation. The look and the memory are highlighted from the perspective of the imaginary. The research findings show the presence of memory and imagery and their influence on the Protestant Reformation. The methodology used was a bibliographical research, analyzed from books, articles already published for the confirmation of the information.

Keywords: Protestant Reformation. Memory and imaginary. Luther.

Introdução

Após quinhentos anos da Reforma Protestante, que herança restou em nosso presente? E que legado está disponível? Que influência permanece viva até hoje? Esses questionamentos levaram a uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de investigar na Reforma Protestante a memória e o imaginário. Com essa pesquisa, será possível analisar o pensamento de Martinho Lutero, visto num primeiro momento como o construtor dos tempos modernos. A sociedade está diante de uma grande oportunidade de realçar tanto a memória da Europa como também se referindo ao imaginário nacional. O pensamento de Lutero é reconhecido como excelente material para o estudo, podendo contribuir para a compreensão do tempo atual. É necessário buscar uma posição interdisciplinar para tanto: teólogos, biblistas, historiadores, filósofos, sociólogos e outros cientistas.

A justificativa revela-se na reflexão sobre a comemoração dos 500 anos da Reforma Protestante, em que o Protestantismo se opõe

ao catolicismo romano, rejeitando a autoridade do Papa, a missa, a confissão e o culto dos santos. Sua autoridade se baseia na autoridade soberana da Bíblia em matéria de fé, na força do testemunho interior do Espírito Santo, pelo qual o crente aprende a Palavra de Deus, que se manifesta nos livros sagrados e na crença da salvação pela fé, que é dom de Deus. Lutero procurou, acima de tudo, situar o problema da salvação em uma doutrina segura, que encontrou na Epístola de Paulo aos Romanos. O comentário que fez corresponde à perspectiva luterana em face ao “Deus de Amor, o homem é perdoado, e por sua fé unicamente pode ser salvo”.³

Como objetivo geral, a pesquisa apresenta uma análise da Reforma Protestante, com o fim de destacar a memória e imaginário dessa Reforma, apresentando num primeiro momento as motivações que levaram Lutero a criticar a Igreja Romana, num processo que culminou na cisão espiritual da cristandade. A Reforma Protestante é considerada por muitos como um movimento de extrema importância para a comunidade cristã, tão importante quanto o surgimento do Pentecostalismo. “Quando Lutero opõe-se aos abusos que a Igreja cometia quanto ao perdão através das obras”⁴, mesmo os que eram duvidosos ou garantidos pelas indulgências, não se pôde imaginar as consequências dessa oposição. Lutero não pensava em abandonar a Igreja, queria libertá-la dos abusos que estavam ocorrendo, mas suas polêmicas com os teólogos romanos acabaram levando a sua condenação por Leão X, em 1520. “Os estudos surgiram da vontade de nos aprofundarmos nas verdades deixadas pela Reforma Protestante, nas considerações de Durand”⁵ sobre o posicionamento do imaginário, destacando a sociedade ocidental. “Neste mesmo ano (1520), através da bula *Exsurge Domine*”⁶, o Papa condenou as doutrinas do monge alemão. Em resposta, Lutero queimou solenemente, em praça pública, o documento papal. Era o rompimento definitivo. Martinho Lutero não se deixou intimidar, reafirmando com veemência seus pontos de vista. “Foi banido do

³ BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova Edição. Revista e ampliada. São Paulo: 2011, p. 1973.

⁴ Foi precisamente a campanha dirigida em 1517 pelo dominicano Tetzl, em favor das indulgências concedidas aos que ajudassem na construção da Basílica de São Pedro, em Roma, que levou Lutero a tornar públicas em 31 de outubro de 1517 as 95 teses que marcaram o início da Reforma Protestante. A questão das indulgências pode ser considerada como a causa imediata do movimento protestante.

⁵ DURAND, G. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Tradução Renée E. Levié. Rio de Janeiro: Difel, 1998, p. 70.

⁶ *Exsurge Domine* é o nome da bula pontificia emitida pelo Papa Leão X.

Império, refugiando-se no Castelo de Wartburg, sob a proteção de Frederico de Saxe”.⁷

Após sair de Wartburg, o reformador tratou de construir as bases da nova Igreja, cujo número de adeptos crescia muito rápido. “O principal auxiliar de Lutero foi o ex-sacerdote católico Melanchton”⁸, homem de larga cultura que redigiu, em 1530, as “Confissões de Augsburgo”⁹. A partir de 1530 e da redação da Confissão de Augsburgo (Alemanha) por seu discípulo Melanchton, Lutero pôde dedicar-se em paz à consolidação de sua obra. Em 1537, os Artigos de Esmalcalda, redigidos pelo próprio Lutero, completaram a Confissão de Augsburgo. Lutero morreu em plena atividade.

Em 1520, Lutero publicou as três “grandes obras reformadoras”, fundamentos do luteranismo: o manifesto *À nobreza cristã da nação alemã*, no qual criticou a supremacia romana, insistindo na ideia do sacerdócio universal dos cristãos, por ele oposto ao clericalismo romano decadente; *O cativoiro da Babilônia*, no qual contestou a teoria romana dos sacramentos, conservando apenas o batismo e a ceia, e criticou o caráter de sacrifício da missa; *“Da liberdade do cristão*, no qual formulou uma nova doutrina da Igreja e insistiu sobre a autoridade única da Escritura e sobre o caráter falacioso da Tradição tal como Roma a apresentava”¹⁰.

⁷ Banido do Império em 1521, Lutero foi ocultado por seu protetor Frederico da Saxônia, no castelo de Wartburg. Aí iniciou a tradução da Bíblia para o alemão, dando, dessa forma, à literatura alemã sua primeira grande obra.

⁸ Melanchton – amigo de Lutero, apresentou a Philipp a proclamação de fé luterana. Sob a coordenação de Melanchton, foram reunidas as doutrinas compiladas nos documentos conhecidos como Artigos de Schwabach de 1529, e Artigos de Torgau de 1530 (março). Torgau, cidade da Alemanha junto ao Elba, no noroeste do estado federado da Saxônia.

⁹ A Confissão de Augsburgo é o texto confessional adotado pela maioria das Igrejas Evangélicas Luteranas. As comunidades, que formaram a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, assumiram este documento de fé como referência básica para a sua confessionalidade (Memória). É uma pública confissão de fé. Em Augsburgo, na Alemanha, as igrejas luteranas fizeram sua confissão de fé em Jesus Cristo.

¹⁰ GRANDE ENCICLOPÉDIA LA ROUSSE CULTURAL. São Paulo: Nova Cultura, 195, p. 3689.

1. Reforma Protestante

A Reforma Protestante completou 500 anos no dia 20 de julho de 2017. “Lutero não queria dividir a Igreja, queria simplesmente reformar a Igreja Católica, mas naquele momento (século XVI) não era possível e isso deu lugar à divisão dos cristãos”.¹¹

A Reforma Protestante deflagra acontecimentos do século XVI e atinge de alguma forma construindo a memória histórica. A Reforma Protestante, ou talvez mais especificamente o pensamento ou “espírito protestante”¹² que dela procede, deve “construir o suporte teológico para a identidade sócio-religiosa”¹³. O Protestantismo opõe-se ao catolicismo romano, rejeitando a autoridade do Papa, a missa, a confissão e o culto aos santos. A autoridade dos protestantes se baseia na Sagrada Escritura, em matéria de fé, na força do testemunho interior. Neste contexto, o crente aprende a Palavra de Deus, que se manifesta nos livros sagrados e na crença da salvação pela fé, que é dom de Deus.

A causa da Reforma é tão complexa que a ausência de menção aos pré-reformadores torna impossível compreender satisfatoriamente o período. As necessidades religiosas do período exigiram dos movimentos respostas que foram dadas através de rupturas mais ou menos impactantes ou profundas, conforme o contexto e o nível de apoio das classes burguesas emergentes. “Nesta direção, não é apenas a decadência moral da Igreja Romana a causa da Reforma, mas também foi uma transformação profunda da sociedade, culminando na emergência de novos movimentos”.¹⁴

Torna-se necessário reconhecer e estudar com profundidade o movimento da Reforma: “pois a religião ganha novas formas e contornos, numa dinâmica em que ao mesmo tempo se esgota, se dilui, renasce, ressurgue e se difunde”.¹⁵

¹¹ Cardeal Kurt Koch, presidente do Pontifício Conselho para a Unidades dos Cristãos.

¹² ALVES, R. *Dogmatismo e Tolerância*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 17.

¹³ TILLICH, P. *A era protestante*. São Paulo: Ciência da Religião, 1992, p. 183.

¹⁴ DELUMEAU, J. *Nascimento e Afirmação da Reforma*. São Paulo: Pioneira, 1989, p 59.

¹⁵ HERVIEU-LÉGER, D. *La religion pour memoire*. Paris: Cerf, 1993, p. 36.

“A Reforma Protestante foi um movimento religioso que, no século XVI, agitou o mundo cristão, provocando uma cisão na Igreja Católica e na maior parte das populações do norte da Europa”.¹⁶

“Alguns reformadores já haviam tentado renovar as doutrinas e as práticas da Igreja, bem antes de Lutero”¹⁷. Jan Huss, que se converteu em líder de um movimento que floresceu no início do século XV, em Boêmia (República Checa, atualmente), foi um deles. Professor da Universidade de Praga, pregava a reforma da Igreja, negando o dogma da infalibilidade do Papa. “Por causa disso, foi preso e intimado a negar seus “pontos de vista durante o Concílio de Constança (realizado em 1414 e 1418, em Constança, foi o 16º Concílio ecumênico da Igreja Católica), tendo sido queimado vivo na fogueira em 06 de julho de 1414”¹⁸. Resposta de Huss: “Apelo a Jesus Cristo, o único juiz Todo Poderoso e totalmente justo. Em suas mãos deponho a minha causa, pois Ele há de julgar cada um, não com base em testemunhos falsos e concílios errados, mas na verdade e na justiça”¹⁹. Em 1º de julho de 1415, Huss escreveu sua última declaração:

Eu, Jan Hus, em esperança, sacerdote de Jesus Cristo, temendo ofender a Deus, e temendo cometer perjúrio, professo, por este meio, minha repugnância, para renunciar a todos ou quaisquer dos artigos produzidos contra mim por meio de falso testemunho. Porque Deus é minha testemunha que eu nem os preguei, ou os afirmei, nem os defendi, entretanto eles dizem que eu fiz isto. Além disso, relativo aos artigos que eles extraíram de meus livros, digo que desprezo qualquer falsa interpretação que eles usaram. Mas já que eu temo transgredir a verdade, ou

¹⁶ As ideias reformistas surgiram na Alemanha, com Lutero, e se expandiram rapidamente através da Suíça (Calvino e Zwinglio), países nórdicos, Inglaterra (Henrique VIII), Holanda e França.

¹⁷ Consideram-se como precursores da Reforma Luterana os movimentos de Wycliffe (1324-1384), monge inglês que, após inúmeras restrições tanto às atitudes do clero como à doutrina da Igreja, rebelou-se contra sua autoridade, e o de Huss (1369-1415), religioso tcheco que, tentando dar continuidade às ideias de Wycliffe, foi executado como herege. A causa principal da Reforma foi a crise que abalava a Igreja Católica no início dos tempos modernos. A crise atingia também a doutrina, que era apresentada de modo complexo, obscuro, inacessível aos fiéis.

¹⁸ LOYN, H. R. *Dicionário da Idade Média*. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1990, p. 37.

¹⁹ LOYN, H. R. 1990, p. 38.

contradizer a opinião dos doutores da Igreja, eu não posso renunciar a qualquer um deles. E se fosse possível que minha voz pudesse chegar ao mundo inteiro agora, como no dia do julgamento, em que toda mentira e todo pecado que eu cometi serão manifestos, então eu alegremente renuncio diante de todo o mundo a toda falsidade e erro que eu ou tenha pensado ou declarado ou de fato tenha dito! Eu digo que eu escrevi isto de minha própria livre vontade e escolha. Escrito com minha própria mão, no primeiro dia de julho.²⁰

A caminho do suplício, ele passou por uma pira, onde seus livros foram queimados. Foi neste momento que pronunciou:

Deus é minha testemunha que a evidência contra mim é falsa. Eu nunca pensei ou preguei exceto com a única intenção de ganhar os homens, se possível, dos seus pecados. Senhor Jesus, por Ti sofro com paciência esta morte cruel. Rogo-Te que tenhas misericórdia dos meus inimigos. Diante do fogo aceso, Huss começou a cantar: ‘Cristo, Tu Filho de Deus vivo, tem misericórdia de mim’.²¹

O acontecimento influenciou Martinho Lutero (1483-1546). Hoje, existe uma enorme rocha que é o Memorial do acontecimento que marcou a cidade no sul da Alemanha, e Jan Huss é considerado precursor de Martinho Lutero. Lutero era monge e teólogo católico de origem germânica, que ensinava na Universidade de Wittenberg, no Sacro Império Germânico. Era professor de Teologia, sendo também da ordem agostiniana. Influenciado pelas obras de Huss, formulou um conjunto de ideias que eram contrárias aos princípios da Igreja Romana. As autoridades da Igreja, naquela época, defendiam a compra de indulgências, que eram a condição para atenuar o período no purgatório. “Em 1517, Lutero afixou na porta da Catedral de Wittenberg um texto conhecido como 95 teses”²².

²⁰ FERREIRA, F. “Cristo, Filho de Davi, tem misericórdia de mim”: *Jan Hus*. Disponível em: <www.monergismo.com/textos/biografias/hus_franklin.htm>. Acesso em: 15/07/2017.

²¹ FERREIRA, F. “Cristo, Filho de Davi, tem misericórdia de mim”: *Jan Hus*. Disponível em: <www.monergismo.com/textos/biografias/hus_franklin.htm>. Acesso em: 15/07/2017.

²² BRECHT, Martin. *Lein Weg Zur. Martinho Lutero, seu caminho para a reforma*. Tradução: James L. Schaff. Philadelphia: Fortress. 1985. p. 128.

Lutero criticava a venda de indulgências e a negociação de cargos eclesiásticos feitos pela Igreja Católica, o que o deixou em situação perigosa, semelhante à de Jan Huss. Para sua sorte, ele recebeu o apoio do Sacro Império Romano, o que lhe permitiu enfrentar a reação da Igreja e conquistar a adesão de uma parcela da população alemã. Tal apoio veio de alguns príncipes que não queriam mais pagar impostos religiosos.

O Papa Leão X exigiu que Lutero se arrependesse e se retratasse. Lutero se negou a obedecer, sendo por isso excomungado pelo Papa e expulso da Igreja. Em consequência disso, uma série de nobres alemães se desligou da Igreja, passando os seguidores da Reforma Luterana, a partir daí, a serem chamados de protestantes. A Reforma Luterana foi considerada uma afronta ao catolicismo. Lutero, na verdade, não pretendia causar nenhuma cisão na cristandade. Suas intenções eram bem mais modestas. Seu objetivo era simplesmente reformar a igreja a partir de uma nova interpretação da Bíblia, uma interpretação humanista das Escrituras. Eram doutrinas humanistas, pois colocavam o homem como único responsável pela sua salvação. Através de seu relacionamento pessoal com o divino, ele poderia garantir a vida eterna. Para Lutero, o caminho era o próprio Jesus Cristo, sendo o papel dos seres humanos escolher seguir ou não este caminho.

Em 1530, auxiliado pelo humanista Filipe Melanchthon, Lutero redigiu a Confissão de Augsburgo, que constituiu a doutrina da Igreja Luterana. Em seus princípios estavam: a teoria do sacerdócio universal, segundo a qual qualquer pessoa pode interpretar os textos sagrados e ser sacerdote de si mesma, sem necessidade de um representante para intermediar sua relação com Deus; a tese da salvação da fé, que rejeita a crença católica da salvação pelas obras, especialmente as falsas boas obras, pagas com dinheiro; a abolição do celibato dos sacerdotes.²³

A Reforma Protestante pôs fim ao monopólio espiritual da Igreja Católica, que foi uma das causadoras da intolerância religiosa e cerceamento de algumas ciências seculares. “Foi neste contexto que se deu a publicação do *Index*”²⁴, bem como a perseguição e

²³ FIGUEIRA, D. G. *História: Série Novo Ensino Médio*, volume único. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002, p. 76.

²⁴ SILVESTRE, Armando Araujo. *Divulgação dos livros proibidos – o Index Librorum Prohibitorum, em 1559, para a reconquista de territórios*

condenação de inúmeros intelectuais. A intolerância religiosa foi responsável por guerras sangrentas que durante muitos anos convulsionaram a Europa. Uma delas ocorreu no Sacro Império Romano-Germânico, sendo provocada pelo imperador Carlos V em sua tentativa de restabelecer a fé católica. Houve na França uma encarniçada luta religiosa entre huguenotes (calvinistas franceses) e católicos, lutas que se arrastaram por mais de 30 anos e provocaram inúmeras mortes. Em 1598, com a promulgação do Editto de Nantes, veio a garantia de liberdade de consciência aos protestantes²⁵.

Coube ao rei Henrique IV restaurar a paz interna na França. Documento multiforme, o Editto de Nantes condena com veemência o mal da intolerância e o desrespeito aos direitos da pessoa humana, alerta para o perigo de associações ilegítimas entre Igreja e Estado, exalta o heroísmo das pessoas e comunidades que sofreram por causa da fé e enaltece a coragem de cidadãos que, mesmo sem ter um interesse pessoal nos conflitos, se colocaram ao lado dos injustiçados. A partir da primeira metade da década de 1960, o “Concílio Vaticano II, convocado pelo Papa João XXIII, começou um movimento de aproximação e cooperação entre católicos e protestantes”²⁶.

Desde a Reforma Protestante, os católicos sentiram a necessidade de repensar a Igreja. Assim, a Reforma Protestante acelerou o movimento de mudanças na Igreja Católica, movimento conhecido como Contrarreforma. A Contrarreforma procurou evitar que católicos se convertessem ao Protestantismo. Para Lutero, a salvação somente poderia ser alcançada por meio da fé em Jesus Cristo. A fé e a salvação são processos individuais e intransferíveis. Neste contexto, a Reforma Protestante contribuiu para consolidar os tempos modernos. Para Weber, é por meio da compreensão dos comportamentos religiosos que podemos entender melhor as atividades humanas, pois a religiosidade influencia também outras atividades humanas, como a ética, a economia, a política ou as artes. “Em seus estudos, por exemplo, ele tentou provar que houve mudança na concepção de trabalho a partir da ética protestante”²⁷. Se na Antiguidade o trabalho era visto pelos homens como uma coisa

que o catolicismo havia perdido para os protestantes. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/cristianismo/index-librorum-prohibitorum/>>. Acesso em: 15/07/2017.

²⁵ SKINNER, Q. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 514.

²⁶ PILETTI, C.; PILETTI, N. *Filosofia e História da Educação*. São Paulo: Ática, 1987, p. 105.

²⁷ WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução: Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret. 2011, p. 81.

penosa e vil, na Idade Média, como fruto do pecado original e como tortura, com o aparecimento do capitalismo combinado com a nova ética protestante, o trabalho passa a ser visto como um êxito da vida mundana, expressão das bênçãos divinas, pois assim se cumprirá uma vocação e a garantia da graça divina. Segundo Weber, essa concepção de trabalho, protestante e puritana, “servirá perfeitamente para o aparecimento do capitalismo, que necessitava de trabalhadores para gerar capital e lucros para a burguesia”.²⁸

Ao colocar fim ao monopólio espiritual da Igreja Católica, a Reforma Protestante oferece novas opções religiosas aos fiéis. Enquanto isso, a Igreja Católica vem se renovando cada vez mais. A dimensão da religião se interliga ao desenvolvimento das demais dimensões humanas. A experiência religiosa acontece de acordo com o processo de maturação e crescimento da pessoa humana, segundo todas as dimensões e as necessidades do ser humano.

Pode parecer que a maior semelhança entre a Reforma Protestante e o Pentecostalismo tenha sido as perseguições da Igreja Romana, porém isso é um engano. A semelhança está na importância que a Igreja Romana deu a esses “movimentos de aparente ruptura, mas posteriormente de relativa homogeneidade, principalmente no Brasil”.²⁹

2. Reforma Protestante: memória e imaginário

A pesquisa objetiva investigar a memória e aguçar a curiosidade sobre este grande evento. Bachelard Gaston, ao admitir que a ciência progride de forma descontínua, propõe uma nova concepção de história das ciências.

[...] fazer história das ciências significa analisar, a partir do presente, as teorias do passado, procurando mostrar como se deu a produção de conceitos científicos, através da superação dos obstáculos epistemológicos [...] o conhecimento do presente auxilia na compreensão do passado. [...] Com Bachelard a ciência deixou de ser uma descrição da realidade para se tornar uma construção, na qual teoria e técnica se dialetizam, produzindo assim o objeto a ser conhecido.³⁰

²⁸ OLIVEIRA, L. F. de; COSTA, R. C. R. da. *Sociologia para jovens do século XXI*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2007, p. 200.

²⁹ SANCHIS, P. *As religiões dos brasileiros*. HORIZONTE 1.2. 2009. 28-43, p. 29.

³⁰ BULCÃO, M. *O racionalismo da ciência contemporânea*, Londrina: UEL, 1999, pp. 153 e 157.

A filosofia de Bachelard não instaura a noção do saber científico, que procede por contínuas aproximações à verdade, em uma trajetória na qual cada nova conquista envolve a negação do momento precedente, do saber superado, mas preservado, como aplicação limitada no campo geral destes novos saberes. Ao se referir à prática científica, ele salienta: “A cultura científica requer que se viva um esforço do pensamento (...) a dificuldade é uma característica fundamental da ciência contemporânea (...) ela já não pode mais ser simples”.³¹

De acordo com Guiomar, na epistemologia de Bachelard, a abertura em direção ao imaginário é necessária para a formulação de hipóteses. A própria descoberta científica é, sobretudo, intuição, imagem poética, visto que fulgura o estudioso, reunindo seus conhecimentos anteriores, mesmo sem evidenciar ligações causais: “Le véritable moteur de l’investigation c’est l’imagination des éventualités et des possibles et impossibles”.³²

Eis, portanto, a tese que se sustenta: O espírito científico deve formar-se contra a “Natureza, contra o que é, em nós e fora de nós, o impulso e a informação da Natureza, contra o arrebatamento natural, contra o fato colorido e corriqueiro. O espírito científico deve formar-se enquanto se reforma”.³³ Foi preciso encontrar a Teoria Geral do Imaginário. Nas considerações de Durand, “o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens (...), o grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano”³⁴. Ainda em Durand terá no imaginário o eixo central da doutrina chamando-a de ‘função fantástica’, ‘fantástica transcendental’, abordando a seguinte tese: “A função da fantástica, ou da imaginação, é dar esperança diante da morte e do tempo”.³⁵

O pensamento de Durand trata da questão da memória e do imaginário diante da sociedade ocidental como também no cristianismo, de maneira particular em Martinho Lutero, com a Reforma Protestante. Em seu livro *Imaginário: ensaio acerca das*

³¹ BACHELARD, G. *Le Rationalisme Appliqué* (1949). 3e édition. Paris: Les Presses universitaires de France, 1966, p.214.

³² GUIOMAR M. Gaston Bachelard et son double: une poétique dialéctisée. In *Revue d’esthétique*, 3-4/1970, p. 426.

³³ BACHELARD, G. 1996, p. 29.

³⁴ DURAND, G. *A imaginação simbólica*. Tradução: Carlos Alvim de Brito. Lisboa: Edições 70, 2000, p. 112.

³⁵ DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. Tradução: Hélder Godinho. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 18.

ciências e da filosofia da imagem, Durand apresenta uma síntese da história do imaginário no ocidente, apresentando um panorama das diferentes posições e papéis ocupados pela imaginação na filosofia, na religião e na formação do imaginário coletivo. O impacto do simbólico para o imaginário coletivo só se torna possível se forem considerados os espaços da memória. Ricouer se expressa sobre a memória do imaginário:

É sob o signo da associação de ideias que está situada essa espécie de curto-circuito entre memória e imaginação: se essas duas afecções estão ligadas por contiguidade, evocar uma – portanto, imaginar – é evocar a outra, portanto, lembrar-se dela. Assim, a memória, reduzida à rememoração, opera na esteira da imaginação.³⁶

A memória e o imaginário estão constantemente ligados, tornando-se impossível pensar uma sem o outro. É possível, portanto, retratar a Reforma Protestante que ultrapassa os acontecimentos apresentando uma visão das ações humanas nesses acontecimentos que marcaram a separação das igrejas.

Ricouer ainda se expõe sobre as mediações simbólicas da ação:

No plano mais profundo, o das mediações simbólicas da ação, a memória é incorporada à constituição da identidade por meio da função narrativa. A ideologização da memória torna-se possível pelos recursos de variação oferecidos pelo trabalho de configuração da narrativa. E como os personagens da narrativa são postos na trama simultaneamente à história narrada, a configuração narrativa contribui para modelar a identidade dos protagonistas da ação ao mesmo tempo em que os contornos da própria ação.³⁷

Em todas as religiões, mesmo nas mais arcaicas, há a organização de uma rede de imagens simbólicas coligidas em mitos e ritos que revelam uma trans-história por trás de todas as manifestações da religiosidade na história. “A história das religiões

³⁶ RICOEUR, P. “Da Memória e da Reminiscência”. In: *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François et al. Campinas: UNICAMP, 2007, p. 25.

³⁷ RICOEUR, p. 2007, p. 98.

revela a perenidade das imagens e dos mitos fundadores do fenômeno religioso”.³⁸

O que é comum nas igrejas luteranas é a presença da cruz vazia em que a ausência do corpo aponta para a centralidade da ressurreição, conforme a filosofia luterana. Na tradição de Lutero, a reprodução de cenas bíblicas nos vitrais é coerente com a importância do texto bíblico. Neste contexto, está expressa uma forma de testemunho visual da mesma mensagem pregada no púlpito. Neste sentido, disse Lutero:

É melhor que se pinte nas paredes, como Deus criou o mundo, como Noé construiu a Arca, e outras belas histórias, do que quaisquer outras mundanamente vulgares. Ah, quisera Deus que soubesse convencer os Senhores e Ricos para que pintassem a Bíblia inteira por dentro e por fora das casas, para que todos pudessem ver. Isso seria uma obra fielmente cristã.³⁹

De acordo com Lopes, o imaginário protestante não se esmerou em preservar o equilíbrio desejado – entre palavra e imagem, tendo ficado para o texto literário como também musical. Sendo assim, ficou para o discurso da apresentação oral (sermões) e para os hinos (acústica).⁴⁰

A Reforma luterana representa uma ruptura e combaterá a estética da imagem e a extensão do sacrilégio do culto aos santos. O iconoclasmo traduz-se nas destruições das estátuas e dos quadros. Este iconoclasmo, no meio protestante, no sentido de “destruição de imagens”, diminui de intensidade com o culto às Escrituras e também à música⁴¹. Michel Pollak se refere a vários pontos da referência da memória:

Entre eles incluem-se evidentemente os monumentos, esses lugares da memória analisados

³⁸ DURAND, O imaginário, p. 73 e 74.

³⁹ DREBES, In A educação na dimensão do Reino de Deus desvelada em obra pictórica de Lucas Cranach. Dissertação inédita de Mestrado, São Leopoldo, EST, 2000, p. 46.

⁴⁰ Manuel Lopes é jornalista e professor de Ciências da Comunicação. Membro da Primeira Igreja Batista de Madri. Cf. Serviço de Notícias ALC, Madri, 23 de outubro de 2003. E-mail: director@alcnoficias.org. Página web: <http://www.alcnoficias.org/portugues>.

⁴¹ DURAND, O imaginário, p. 21 e 22.

por Pierre Nora⁴², o patrimônio arquitetônico e seu estilo, que nos acompanham por toda a nossa vida, as paisagens, as datas e personagens históricas de cuja importância somos incessantemente lembrados, as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore e a música, e, por que não, as tradições culinárias⁴³.

Considerações finais

A Reforma Protestante foi um movimento resultante de uma crise espiritual. Essa crise até hoje é comentada e julgada em todos os setores da sociedade, e o século XVI é considerado como o século capaz para a implementação do movimento – Reforma Protestante.

Não compreendo um cristão que está quieto, o cristão deve caminhar. Há cristãos que caminham ao lado de Jesus, mas em alguns momentos não caminham na presença de Jesus. Isto é porque são cristãos que confundem caminhar com andar, são errantes.⁴⁴

A Reforma Protestante, iniciada por Martinho Lutero, hoje é considerada um movimento tão grande e importante quanto o Pentecostalismo. A reforma luterana tem sua força na declaração de Augsburg, priorizando a liberdade do sujeito e o acesso à Bíblia. Mesmo depois de 500 anos, Lutero ainda é lembrado (memória) como lutador pela liberdade de consciência, procurou educar os fiéis dando atenção ao país, como também aos chefes de família (Catecismo Menor). Ao clero deixou também ensinamentos de fé (Catecismo Maior). “Lutero lecionou por 37 anos na Universidade de Wittenberg, tendo pregado mais de 2000 sermões. A sua contribuição é encontrada nas reformas

⁴² NORA, P. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: Projeto histórico. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 7-28, dez. 1993.

⁴³ POLLAK, M. *Memórias, esquecimentos, silêncio*. In: Estudos históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3.

⁴⁴ G1. *Papa pede perdão por perseguições dos católicos aos pentecostais*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/07/papa-pede-perdao-por-perseguioces-dos-catolicos-aos-pentecostais.html>>. Acesso em: 15/07/2017.

que foram introduzidas na Igreja Católica (Concílio Vaticano II)”⁴⁵, também 400 antes no “Concílio de Trento”.⁴⁶

Wolfgang Thönissen, pesquisador que vive em Paderborn, na Alemanha, e que trabalha como consultor da Comissão Católico-Luterana para a Unidade, apresenta vários temas protestantes. A memória dos feitos de Lutero está viva não apenas entre os protestantes, mas também entre os católicos. Lutero foi muito importante para a Igreja Católica, hoje vivendo na memória. A Alemanha, em 2017, recebe peregrinos para a jornada nas portas de ferro da Igreja de Todos os Santos, na cidade de Wittenberg, em que Lutero, na “memória e imaginação”, afixou as “95 teses” em 31 de outubro de 1517. Hoje, as portas atuais datam de 1858, sendo que as portas originais foram totalmente destruídas pelo fogo.

É possível observar que, 500 anos depois, a Reforma Protestante permanece viva por meio das mentes e dos acontecimentos e dos discursos sobre elas que são formados e tendo grande esperança no mundo atual. Lutero e o Papa Leão X são comentados e julgados e hoje são vistos com outra significação. “Para melhor ou para pior, é possível que as Igrejas dominantes do futuro tenham muito em comum com as da Europa medieval ou do início da era moderna. Pelos dados atuais, o futuro do cristianismo deverá ser nitidamente conservador”.⁴⁷

Referências

ALVES, Rubem. Dogmatismo e Tolerância. São Paulo: Loyola, 2007.

BACHELARD, G. *Le Rationalisme Appliqué* (1949). 3e édition. Paris: Les Presses universitaires de France, 1966.

⁴⁵ O Concílio Vaticano II (CVII), XXI Concílio Ecumênico da Igreja Católica, foi convocado no dia 25 de dezembro de 1961, através da bula papal "Humanae salutis", pelo Papa João XXIII.

⁴⁶ O Concílio de Trento, realizado de 1545 a 1563, foi o 19º concílio ecumênico da Igreja Católica. Foi convocado pelo Papa Paulo III para assegurar a unidade da fé e a disciplina eclesiástica, no contexto da Reforma da Igreja Católica e da reação à divisão então vivida na Europa devido à Reforma Protestante.

⁴⁷ JENKINS, P. *A próxima cristandade: a chegada do cristianismo global*. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 24.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova Edição. Revista e ampliada. São Paulo: 2011.

BRECHT, M.; *Lein Weg Zur. Martinho Lutero, seu caminho para a reforma.* Tradução: James L. Schaff. Philadelphia: Fortress. 1985.

BULCÃO, M. *O racionalismo da ciência contemporânea.* Londrina: UEL, 1999.

DELUMEAU, J. *Nascimento e Afirmação da Reforma.* São Paulo: Pioneira, 1989.

DURAND, G. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem.* Tradução: Renée E. Levié. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

_____. *A imaginação simbólica.* Tradução: Carlos Alvim de Brito. Lisboa: Edições 70, 2000.

_____. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral.* Tradução: Hélder Godinho. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FERREIRA, F. “Cristo, Filho de Davi, tem misericórdia de mim”: Jan Hus. Disponível em: <www.monergismo.com/textos/biografias/hus_franklin.htm> . Acesso em: 15/07/2017.

FIGUEIRA, D. G. *História: Série Novo Ensino Médio, volume único.* 2. ed. São Paulo: Ática, 2002, p. 76.

GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Nova Cultura, 1988.

GUIOMAR, M. *Gaston Bachelard et son double: une poétique dialéctisée.* In: *Revue d'esthétique*, 3-4/1970, p.426.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *La religion pour memoire.* Paris: Cerf, 1993.

JENKINS, P. *A próxima cristandade: a chegada do cristianismo global.* Rio de Janeiro: Record, 2004.

LOYN, H. R. *Dicionário da Idade Média.* Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1990, p. 37.

OLIVEIRA, Luiz Fernando de; COSTA, Ricardo Cesar Rocha da. *Sociologia para jovens do século XXI*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2007, p. 200.

PILETTI, C.; PILETTI, N. *Filosofia e História da Educação*. São Paulo: Ática, 1987.

RICOEUR, P. “Da Memória e da Reminiscência”. In: *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François et al. Campinas: UNICAMP, 2007.

SANCHIS, P. As religiões dos brasileiros. *HORIZONTE* 1.2. 2009. 28-43, p. 29.

SILVESTRE, Armando Araujo. *Divulgação dos livros proibidos – o Index Librorum Prohibitorum, em 1559, para a reconquista de territórios que o catolicismo havia perdido para os protestantes*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/cristianismo/index-librorum-prohibitorum/>>. Acesso em: 15/07/2017.

SKINNER, Q. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 514.

TILLICH, P. *A era protestante*. São Paulo: Ciência da Religião, 1992.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução: Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret., 2011.